



HOMOSSEXUALIDADE: QUAL A SUA VISIBILIDADE NA CULTURA ESCOLAR?

Elisete Santana da Cruz França¹

O estudo em questão relaciona-se à minha experiência como docente-acadêmica no triênio 2002/2005, e também como coordenadora pedagógica, de uma Unidade Escolar voltada especificamente para o ensino médio, que me possibilitou um maior envolvimento com alunos e professores que tinham como orientação sexual a homossexualidade². Este contato levou-me a observar obstáculos relacionais vivenciados pelos mesmos no cotidiano escolar, ou seja, o *bullying* homofóbico³ oriundo de uma visão dual (macho-fêmea) que oculta no currículo escolar discussões referentes à sexualidade.

É fato que a sexualidade, assim como a inteligência, é construída a partir das possibilidades individuais, e de sua interação com o meio e a cultura, assim, a sexualidade natural e

as identidades sexuais e as práticas das sexualidades não são nada naturais. Construídas através das relações sociais e políticas de um tempo histórico, são caracterizadas como processos históricos que não estão sob a égide da lógica da naturalidade, mas sim da moral e da política. (PRADO, 2008, p. 19)⁴.

Sendo assim, cabe a escola informar e discutir os diferentes tabus e preconceitos existentes na sociedade no que se refere às identidades sexuais, uma vez que a mídia televisiva, muitas vezes, tem trazido à tona uma realidade cada vez mais visível, principalmente entre adolescentes.

A análise das relações existentes entre a homossexualidade e o contexto escolar, *objeto deste estudo*, passa a ganhar relevância na atualidade, quando os homossexuais e as lésbicas passam a alargar seus espaços de direitos. Neste sentido, Prado (2008) comenta que é no século XXI que ocorre uma maior visibilidade dos debates sobre diversidade sexual, que fomenta um processo de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural –UNEB- Campus II- Alagoínhas-Ba – email: zete-franca26@gmail.com

² Utilizo o termo homossexualidade como uma oposição ao termo heterossexualidade. Algumas definições sugerem que significa a prática, o desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo. No entanto neste trabalho concordo com visão de Mott (2000) que afirma que “ser gay ou lésbica é muito mais do que transar de vez em quando com o mesmo sexo, implicando tal orientação sexual numa identidade, afirmação, estilo de vida e por que não, num projeto civilizatório alternativo, que podemos chamar de cultura homossexual”. MOTT, Luiz. Em Defesa do homossexual. In: PRADO. Marco Aurélio Máximo. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008. (coleção Preconceitos; v.5)

³ Expressão utilizada para se referir à violência psicológica e física sofridas por discriminação em virtude da orientação sexual

⁴ PRADO. Marco Aurélio Máximo. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008. (coleção Preconceitos; v.5)



desconstrução da visão da homossexualidade como anomalias sociais, deixando de ser sujeitos patologizados passando a ser sujeitos políticos.

Dessa forma, identifico como campo empírico do estudo o espaço escolar, por compreender que a escola como espaço de construção de saberes, ambiente de socialização tem como dever fomentar discussões sobre orientação sexual, tendo como foco informações sobre as homossexualidades e a relevância do respeito à produção subjetiva de cada sujeito, independente de sua orientação sexual ou do exercício de sua sexualidade.

Compreender como a cultura escolar influencia e é influenciada pelos atores sociais na construção de crenças e valores que determinam a heteronormatização das relações afetivas é um intento que nos auxiliará a alcançar o propósito central desse estudo, assim, faz-se necessário investigar os processos históricos e sociológicos, que estão respaldando as relações preconceituosas. Desta forma, busco no método dialético subsídios que contribuam para desvelar a lógica social que produz, explora e desvaloriza culturalmente uma minoria.

Entendido assim torna-se relevante compreender relações que direcionam os grupamentos humanos, ou seja, os procedimentos e/ou atitudes de cada grupo devem ser compreendidos considerando o contexto sócio-político e histórico no qual são produzidos. Assim, acredita-se que os Estudos Culturais podem fomentar esta compreensão já que os mesmos

têm estado há muito tempo preocupados com o terreno cotidiano das pessoas e com todas as formas pelas quais as práticas culturais falam a suas vidas e de suas vidas. Neste sentido, a importância do “popular” nos Estudos Culturais envolve observação de que as lutas em relação ao poder devem, de forma crescente, interagir e operar através das práticas culturais, da linguagem e da lógica do povo. (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 2008, p. 27)⁵

Portanto, os Estudos Culturais contribuem para aprofundar a investigação no que tange aos interesses sociais, políticos, em prol das lutas dos sujeitos marginalizados na sociedade como, por exemplo, os homossexuais. Desta forma, a problemática supracitada apóia-se nos estudos culturais já que os mesmos buscam refletir sobre os problemas reais. Hall (2003) afirma que os estudos culturais abarcam diversos discursos com numerosas histórias, assim, as discussões em torno das crenças e valores que subsidiam as atitudes homofóbicas inserem-se neste contexto, pois, estas atitudes refletem as vivências que as professoras e professores constroem no seio social.

Desta forma o objetivo da pesquisa em andamento é identificar os sentidos/ concepções que as professoras, professores e estudantes de uma Unidade Escolar da Rede Estadual de Ensino de

⁵ TREICHLER. Cara Nelson Paula A. & GROSSBERG. Lawrence. *Estudos culturais: uma introdução*. In: Silva. Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



Salvador, atribuem às questões da sexualidade, em especial, a homossexualidade, e analisar também como ocorrem às relações desses sujeitos no ambiente escolar e como as crenças e os valores desses autores sociais interferem no desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e político dos colaboradores da pesquisa, visto que, a cultura, e em especial, a cultura escolar é inscrita e facetada pelo poder hegemônico. Prado (2008) salienta que o discurso hegemônico apoiado pela religião, medicina que legitimam os valores heteronormativos, que fomentam a discriminação, o preconceito e a punição dos comportamentos sexuais que fogem a norma preestabelecida da heterossexualidade, passando a ser considerados como pecado ou doença.

Neste momento, é relevante citar Foucault (1988) quando evidencia que no início do século XVII os corpos eram livres, a sexualidade não causava incômodos “os corpos pavoneavam”. Com o surgimento do capitalismo, no entanto, a burguesia confisca a sexualidade encaminhando-a para o interior da casa e, a família conjugal passa a tutelá-la com objetivo único da reprodução, Assim, a sexualidade passa a ser regulada pelas normas preestabelecidas pela burguesia e o que foge à norma, à regra é silenciado; a homoafetividade e a sexualidade das crianças são exemplos deste silenciamento.

Sendo assim, percebe-se que historicamente, as discussões acerca das questões de gênero e sexualidade no contexto escolar refletem ao silenciamento do âmbito social. Logo, essas discussões deste do final do século XVII até atualidade, no mundo ocidental, pautaram-se em uma visão binária, permeada por questões preconceituosas socialmente construídas, fundamentadas em concepções morais e signos culturalmente compartilhados, que prescrevem diferentes comportamentos para os sujeitos a partir da diferença entre os sexos. Desse modo, para ser considerado “normal”, o sujeito só teria duas opções: ser homem ou mulher, não restando nenhuma outra designação, senão a de ser desviante para aqueles que foram chamados de homossexuais, por não se identificarem com o sexo oposto.

Embora essa concepção de homossexualidade ainda esteja em voga, algumas reflexões acerca das questões do conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do sexo como algo natural, vem abrindo novas perspectivas em relação à temática. Assim, o problema central deste estudo ganha relevância no âmbito social e escolar, pois, versa pela compreensão das relações estabelecidas pelos atores pedagógicos no que tange as questões de gênero, em especial, a homossexualidade no contexto escolar.

Com o propósito de buscar respostas para elucidar o problema supracitado, é necessário, primeiramente, compreender de qual perspectiva estou falando ao me referir às questões de gênero,



já que essa proposta de estudo organiza-se em torno dos eixos centrais: gênero, cultura e currículo, compreendendo, no entanto, que os processos de subjetividade estarão permeando toda a pesquisa.

Desse modo, a idéia de gênero nesse estudo fundamenta-se nas importantes contribuições de Louro (2001) que apresenta uma concepção de gênero extrapolando a concepção binária e polarizada masculino/feminino. O ser feminino e o ser masculino são constituídos num processo sócio-político-econômico, portanto, é um processo criado e transformado pelo contexto histórico. Logo, “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pela rede de poder de uma sociedade. (LOURO, 2010, p. 11).

Ampliando a construção do conceito de gênero, dialogo também com Butler (2001) que discute questões referentes a gênero, poder e subjetividade, evidenciando que muitos estudos voltados para homossexualidade pautam-se em uma concepção de regulação social.

Ao tratar da subjetividade, parto da concepção de “como o sujeito se produz” (SOUZA, 2007, p 24). Nessa concepção, o autor questiona a noção unitária e essencialista do sujeito como uma entidade autônoma, e situa essa subjetividade em um tempo e um espaço, onde o diálogo acontece, ou seja, no registro do social, onde ela se produz e não se totaliza no indivíduo. Logo, a subjetividade no mundo contemporâneo é vista a partir do deslocamento da unidade, da identidade, do universalismo do sujeito que foi demarcado pela modernidade.

Busco suporte em Foucault (1988) que evidencia que a repressão sexual surge juntamente com o advento do capitalismo, logo ela é uma invenção burguesa que impõe seu tríplice decreto: a interdição, a inexistência e mutismo com relação às sexualidades ‘ilegítimas’ e as sexualidades das crianças. O autor ratifica também que o sexo não deve ser julgado como certo ou errado, mas discutido abertamente em todas as instâncias da sociedade como qualquer outro tema.

Bourdieu (2007) comenta que os esquemas cognitivos utilizados e divulgados pelos atores sociais contribuem para naturalização do poder da masculinidade, ou seja, à medida que se perpetuam a visão binária de macho/fêmea ela vai se consagrando como uma ordem estabelecida e referendada pela sociedade, pela cultura, pela medicina, pela justiça, enfim, pela ordem oficial da sociedade.

Neste momento é importante evidenciar que ao discutir gênero, em especial, a homossexualidade e como se caracterizam as relações dos atores sociais na cultura da instituição escolar, é preciso ter uma visão ampla do processo social que heteronormatiza as relações afetivas. Logo, compreender as concepções que permeiam a cultura escolar no que se refere à homofobia faz-se necessário investigar os processos históricos, sociológicos que estão respaldando as relações



preconceituosas no contexto educacional. Sendo assim, busco subsídios nos Estudos Culturais para expandir a compreensão histórica, sociológica e cultural do problema.

A partir das interlocuções com esses teóricos pretendo superar a visão biologizante da sexualidade, em especial, da homossexualidade. Pois, “descartar a enunciação científica supõe que se empreenda uma recusa em relação ao pensamento [...] do fundamentalismo, binarismo e a tantos outros ISMOS que marcaram e ainda marcam a produção do saber nas ciências sociais” (VALE 2008 p 119).

Vale salientar que essas interlocuções com os teóricos dos Estudos Culturais possibilitam perceber que a sociedade da cultura como afirma Williams (1992) associa-se a sociedade histórica, visto que os estudos culturais estão relacionados inevitavelmente aos períodos históricos em que se situam. Assim, para pesquisar a homossexualidade e suas implicações no clima relacional da instituição escolar faz-se necessário situar a escola no contexto contemporâneo, que está assentado na relatividade da realidade, logo, a investigação deve buscar desconstruir as grandes narrativas fundantes do decurso histórico das sociedades, visando fomentar reflexões que possibilitem a desconstrução da visão binária que normatizada pela sociedade. Pois, como afirma Hall (2003) a relevância do intelectual orgânico é evidenciado na necessidade desse intelectual desmontar as metanarrativas que confiscam o conhecimento para o interior das instituições e não para a socialização.

Diante do exposto evidencia-se que os estudos culturais constituem um campo de possibilidades de investigação no que se refere a gênero, sexualidade, cultura popular, raça entre outros temas, que durante muito tempo foram ignorados. Sendo assim as discussões em torno de tais temáticas, em especial, da homossexualidade e suas implicações no âmbito escolar, possibilitam a minimização da distância entre o prazer e o poder pesquisar, auxiliando a “demolir o dogma puritano de que seriedade é uma coisa e prazer é outra” (EAGLETON, 2005b, p.18).

No campo do currículo busco interlocuções com Macedo (2005), que compreende o mesmo como um sistema aberto, dialético e dialógico por isso deve refletir a multiplicidade da sociedade. Silva (2003) evidencia que o currículo não pode se separar das questões culturais e de poder, pois, as diferenças não devem apenas ser aceitas, mas, colocadas permanentemente em questão.

Sendo assim, o projeto em andamento apresenta as questões de gênero, cultura, currículo como conceitos que necessitam ser investigados, de modo a descobrir as suas possíveis articulações no contexto da educação.



A partir das questões levantadas e do referencial teórico explicitado, esse estudo constituir-se-á em uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, considerando-a como abordagem adequada por adotar uma tradição compreensiva ou interpretativa, para a qual a subjetividade dos sujeitos, pesquisador e pesquisados, é ativa no processo de construção de significados, tradição esta, que se fundamenta no estabelecimento de uma relação dialógica e implicada com o contexto.

Pretende-se com esta opção metodológica, o engajamento do pesquisador no processo de interpretação e re-construção da realidade, considerando o contexto como elemento tão importante quanto à ação. O objetivo é tentar compreender as realidades construídas pelos colaboradores entrevistados e observados no seu campo de atuação. Pois, um dos grandes objetivos da pesquisa etnográfica é compreender o mundo social das pessoas através da imersão em suas comunidades a fim de produzir descrições detalhadas de suas culturas e crenças.

Ainda com relação ao aspecto intrusivo da pesquisa etnográfica Macedo comenta que:

Ao conhecer de dentro, *in situ*, em ato, o educador-pesquisador [...] mergulhará intercriticamente nas múltiplas culturas e suas inteligibilidades, suas estéticas e cosmovisões; experimentará nas relações éticas a política como prática e emergirá de sua aventura pensada com a noção fértil de mundo construído. (MACEDO, 2006, p. 13)⁶

Partindo dessa compreensão opto pelo estudo de caso para facilitar a operacionalização da pesquisa, visto que, o mesmo possibilitará à descoberta de aspectos que podem evidenciar dimensões que poderão dar novo contorno a pesquisa, pois, ao adentrar no campo como pesquisador não poderei ir com um quadro teórico fechado hermeticamente; já que o conhecimento é inconcluso, é inacabado, ele está em processo constante de construção. Assim, esta pesquisa busca consonância com o pensamento de que ela deve procurar “revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 19)

A partir dessa abordagem utilizaremos como instrumentos para coleta de dados, não apenas as entrevistas, como também diário de campo, onde serão anotadas as questões observadas através da observação participante, que terá como objetivo primordial estabelecer uma “relação face a face” entre o pesquisador e pesquisados, de modo a compreender o contexto em que essas subjetividades se constroem.

⁶ MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.



A pesquisa no primeiro momento será marcada pela revisão da literatura que subsidiará a compreensão para análise das noções subsumidas⁷ (gênero, cultura e currículo), além de analisar alguns documentos oficiais como o Programa Brasil sem Homofobia. Na segunda fase da pesquisa que busca a construção do material empírico utilizarei como suporte as técnicas projetivas, por acreditar que as mesmas possibilitam que os interlocutores deixem aflorar as suas percepções do contexto conforme suas vivências, desejos e ideologia. O terceiro momento dar-se-á com análise de dados com as inferências teóricas. Ou seja, é o momento marcado pela formulação das questões analíticas que devem fazer a tessitura crítica e intercrítica do posto, do exposto, do percebido e das implicidades inerentes a todos os discursos.

Enfim, acredito que é relevante refletir acerca das questões da homossexualidade no contexto escolar com o propósito de evidenciar as normas regulatórias preestabelecida pela ótica heterossexual. Colocar tal discussão no currículo escolar nos leva a fomentar discutir sobre

as formas como o 'outro' é constituído, levaria a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheio ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito; ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado; em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO 2001, p550).⁸

Logo, torna-se necessário um dialogo constante entre o currículo e os modos de subjetivação construídos a partir da trama social, em que as questões da homossexualidade estão presentes, pois, não podemos esquecer que o resultado desse diálogo é a prática educativa e a história de aprendizado e construção identitária de cada criança e adolescente que passa pela instituição escolar.

Bibliografia

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam*: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica 2001. P. 151-172.

⁷ Utilizo o termo noções subsumidas cunhado por Macedo (2005), pois, subsumir implica em considerar como algo mais amplo, mesmo que com a possibilidade de ser aplicável ao particular, além de noção ser apenas uma idéia que se tem de algo.

⁸ LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer*: uma política pós-identitária para educação. *Rev. Estud. Fem.*, 2001, vol.9, n. 2, p. 541-553. ISSN 0104-026X.



- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Eagleton. Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005a.
- _____. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.
- FOUCAULT. Michel. *Em defesa da sociedade*. trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT. Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad. Mariateresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988.
- GIROUX. Henry A. *Praticando Estudos culturais nas faculdades de educação* In: Silva. Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. *Da Diáspora: identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org). tradução Adelaide La Guardiã Resende... [et al] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- LARAIA. Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16ª. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- LOPES. Luiz Paulo da Moita. *Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer: uma política pós-identitária para educação*. Rev. Estud. Fem., 2001, vol.9, n. 2, p. 541-553. ISSN 0104-026X.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- _____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva - 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Chrysallís, Currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo*. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2005
- _____. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.
- _____. *Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercristica*. Salvador: EDUFBA, 2007.



- PRADO. Marco Aurélio Máximo. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008. (coleção Preconceitos; v.5)
- SANTOS. José Luiz dos. *O que é cultura*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense 1987
- SOUZA, Antônio Vital Menezes de. *Marcas de diferença: subjetividade e devir na formação de professores*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- SOUZA. Elizeu Clementino de. *A Escola e a Sexualidade: por que Negar o Prazer?* Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/522/533>>
- SZYMANSKI (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- THOMPSON. Jonh B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1995.
- TREICHLER. Cara Nelson Paula A. & GROSSBERG. Lawrence. *Estudos culturais: uma introdução*. In: Silva. Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- VALE. Alexandre Fleming Câmara. *Antropologia e sexualidade: por um descentramento da enunciação científica*. In: Bagoas: revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - V. 1, n. 1 jul./dez. 2007)-. - Natal: EDUFRN, 2007. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02bagoas02.pdf>
- VIÉGAS, Lygia de Sousa. *Reflexões sobre a pesquisa etnográfica e Psicologia e Educação*. Diálogos Possíveis, Salvador, BA, janeiro/junho, 2007. Disponível em: <<http://www.fsba.edu.br/dialogospossiveis/>>. Acesso em: 8 out. 2008.
- WALTER. Roland. *Mobilidade cultural: o (não-) lugar na encruzilhada transnacional e transcultural*. Interfaces Brasil/Canadá, Revista da ABECAN(Associação, Brasileira de Estudos Canadenses), n.8, p. 37-56, 2008. Disponível em: <http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1228242203.pdf>